

# **PROJETO ANIHO - ANTIGUIDADE, NACIONALISMOS E IDENTIDADES COMPLEXAS NA HISTORIOGRAFIA OCIDENTAL: DA HISTORIOGRAFIA ACADÊMICA À CULTURA DE MASSAS NA EUROPA E NA AMÉRICA LATINA (1870-2020)**

Antonio Duplá<sup>1</sup>

Glaydson José da Silva<sup>2</sup>

Filipe Noé da Silva<sup>3</sup>



Entrevista realizada em espanhol, transcrita por Filipe Noé da Silva. Realizada em 30 de julho de 2024. Duração: 52 minutos e 07 segundos. Link para o vídeo da entrevista: [\[https://www.youtube.com/watch?v=hg\\_Cq1vZHWE&list=PLB5xu4FW7EGvpwKSysS7paPBoGMgQnJGq\]](https://www.youtube.com/watch?v=hg_Cq1vZHWE&list=PLB5xu4FW7EGvpwKSysS7paPBoGMgQnJGq)

---

<sup>1</sup> Professor Catedrático – Universidade do País Basco, Vitoria-Gasteiz, Espanha. Proyecto ANIHO: PID2020-113314GB-I00 / Grupo GIU21/009. E-mail: [antonio.dupla@ehu.eus](mailto:antonio.dupla@ehu.eus)

<sup>2</sup> Professor Associado – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: [gjsilva@unifesp.br](mailto:gjsilva@unifesp.br)

<sup>3</sup> Professor Adjunto – História Antiga e Medieval, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. E-mail: [fnd.silva@udesc.br](mailto:fnd.silva@udesc.br)

**Glaydson José da Silva (Revista Heródoto)** Olá! Estamos reunidos para uma entrevista da Revista Heródoto com o professor Antonio Duplá Ansuátegui, da Universidade do País Basco. A entrevista será conduzida por mim, Glaydson José da Silva, professor de História Antiga da Universidade Federal de São Paulo, e pelo professor Filipe Noé da Silva, professor da Universidade do Estado de Santa Catarina. Mais uma vez, muito obrigado, professor, por aceitar nosso convite. Muito obrigado!

**Antonio Duplá Ansuategui**

Obrigado a vocês.

**Glaydson José da Silva (Revista Heródoto)** A primeira pergunta é sobre sua carreira pessoal e intelectual. Se possível, gostaríamos de saber um pouco mais sobre sua trajetória, na universidade, até hoje, como professor da Universidade do País Basco.

**Antonio Duplá Ansuategui**

Muito bom. Obrigado mais uma vez pelo convite para participar desta entrevista numa revista tão prestigiada como Heródoto. Estudei na Universidade de Zaragoza em meados dos anos 70. Era um momento tardio do regime franquista, dos estertores de um franquismo que ainda se mostrava muito cruel. De fato, logo no primeiro ano, houve a execução de Salvador Puig Antich, uma das últimas execuções, e depois em setembro de 1975 houve novas execuções por parte do regime franquista. Acredito que a efervescência política daqueles tempos foi um fator importante na minha escolha de combinar, digamos, atividade acadêmica e intelectual com compromisso político e cívico. Do ponto de vista da minha escolha, em determinado momento, pela História Antiga, creio que foi importante um professor de História Antiga, o professor Guillermo Fatás (Cabeza), que mais tarde seria o meu orientador de tese, catedrático de História Antiga da Universidade de Zaragoza e uma pessoa que sempre foi, e continua a ser, uma referência pelo seu rigor acadêmico, pela sua curiosidade intelectual e, também, pelo seu empenho cívico. Ele era um professor muito duro, e tínhamos um pouco de medo. Mas, era um excelente professor. E, também, tive a sorte de estudar na área de História Antiga da Universidade de Zaragoza, que já era e desde então se consolidou como um dos grupos mais interessantes de trabalho na área de

Ciências da Antiguidade, a nível internacional, e não apenas no âmbito espanhol. Tive a sorte de poder continuar colaborando com eles mais tarde.

Do ponto de vista da minha carreira, acredito, como disse, que desde o início as minhas preocupações acadêmicas também foram parcialmente mediadas por minhas preocupações intelectuais e políticas mais gerais, pelos conflitos sociais da atividade política, pela História Contemporânea; como cinéfilo, me aproximei desde cedo, por exemplo, da recepção no cinema. Desde cedo, minha atividade de investigação desenvolveu-se em duas linhas principais: uma centrada na crise da República Romana, particularmente nos conflitos políticos e sociais entre *optimates* e *populares*, entendidos como autênticos conflitos de natureza política e com abordagens alternativas às da aristocracia senatorial governante, embora reconhecendo que as circunstâncias são muito diferentes dos conflitos atuais e, por exemplo, não é possível falar em partidos políticos naquela época. E, também, relacionado à República Romana, desde muito cedo me interessei pelo tema da violência. Violência entendida como violência política, ou seja, violência que tem sua explicação e justificativa, até mesmo sua legitimação (e aí poderemos falar um pouco mais sobre ela) politicamente falando. Do ponto de vista da pesquisa, o outro grande bloco seria o da historiografia e da recepção, digamos assim, voltada para os estudos propriamente historiográficos, a historiografia moderna, sobre o mundo antigo, tanto no século XIX como no século XX. Fenômenos de recepção, por exemplo, em particular, continuo a me interessar pelas relações entre o classicismo e o fascismo e o franquismo em particular, e, também, como área específica de recepção. Por outro lado (e logicamente em conjunto com minha tese de doutoramento, que tratou das medidas excepcionais na crise da República Romana e que foi publicada na Universidade de Zaragoza, em 1990), desde muito cedo me senti interessado pela historiografia, simplesmente de forma quase natural, buscando estudar o que já havia sido escrito sobre determinado tema e tentando contextualizar essas contribuições anteriores. E penso que, dessa forma, diria quase naturalmente, a historiografia tornou-se um campo específico. E, na verdade, o meu primeiro artigo foi uma espécie de revisão ampliada de um número monográfico da Revista de Direito Romano LABEO que se centrava nos 40 anos da publicação de *A Revolução Romana* de Ronald Syme e que girava em torno do conceito de revolução romana. E desde então, continuei nessa linha.

Em minha trajetória acadêmica, talvez e mais particularmente em relação a esta segunda área historiográfica e de recepção, apontaria os marcos que me parecem importantes. Um seria um congresso de historiografia, Arqueologia e História Antiga, realizado em Madrid, organizado pelo

Conselho Superior de Investigação Científica, em 1988, e que seria publicado em 1991 e no qual, entre outras coisas, tivemos o privilégio de conhecer Mario Torelli e Ronald Syme, que faleceria pouco depois. E foi um encontro em que conhecemos colegas, então muito jovens, que iniciavam sua jornada como pesquisadores e que no caso de alguns deles temos permanecido ligados no projeto ANIHO ou em iniciativas de projetos desde então. E isso tem-nos permitido desenvolver alguns laços muito interessantes de cumplicidade acadêmica, mas também de afetividade. E então, talvez o segundo momento interessante seria em 2011, quando começamos, em parte com alguns daqueles colegas que conhecemos em 1988, a preparar a candidatura para um projeto, que foi o primeiro projeto da ANIHO (aprovado) na convocatória de 2012. Desde então, de certa forma, esse é um campo fundamental do meu trabalho. Em 2016 tornei-me professor catedrático, o que talvez me tenha proporcionado certa tranquilidade e uma certa sensação de conclusão da carreira acadêmica. Porém, na prática, não representou uma mudança significativa em minha atuação como professor e pesquisador. Acho que esses são alguns elementos da minha carreira acadêmica.

### **Filipe Noé da Silva (Revista Heródoto)**

Obrigado, professor. Meu nome é Filipe Silva, sou professor de História Antiga e Medieval na Universidade do Estado de Santa Catarina e, também, é uma honra poder falar com você, professor. Muito obrigado, de antemão, por aceitar nosso convite. A segunda pergunta seria a seguinte. O professor integra o projeto científico ANIHO, como acabou de dizer, e se trata de projeto que é dedicado ao tema Antiguidade, Nacionalismos e Identidades Complexas na Historiografia Ocidental. Pois bem, se possível, professor, teríamos interesse em conhecer um pouco mais sobre a experiência deste projeto, suas características, sua história e propostas para o presente e para o futuro.

### **Antonio Duplá Ansuategui**

Em relação ao projeto ANIHO, que de alguma forma é um dos campos fundamentais do meu trabalho desde 2011, nos momentos anteriores, e desde 2012, digamos administrativamente, institucionalmente organizado. De antemão, devo dizer que a constituição deste grupo, desta equipe de trabalho, é um dos elementos mais satisfatórios do meu currículo, tanto no campo acadêmico como no campo humano, porque acredito que desde o

primeiro momento conseguimos formar uma equipe. Uma equipe que tem se expandido desde os primeiros momentos. Mas, se trata de uma equipe cujas dinâmicas de trabalho são absolutamente fluidas, descontraídas, sem qualquer tipo de tensão, com um acordo muito elevado sobre o que seriam, digamos, as linhas básicas de trabalho. E desse ponto de vista, me sinto absolutamente orgulhoso no melhor sentido do termo e enormemente satisfeito com este trabalho, porque acredito que criamos uma equipe que, se por um lado trabalha muito, por outro lado trabalha muito bem. Basta olhar para os resultados coletivos das publicações que temos feito desde 2014, e mesmo nas obras coletivas que estamos organizando: dois livros<sup>4</sup> das nossas últimas conferências, e nesse sentido me parecem ser referências interessantes. Já comentei sobre a forma como o grupo foi formado, como novas pessoas foram incorporadas, como foram defendidas teses de doutorado, se estabeleceram redes e conexões. E nesse sentido acho que constituímos uma equipe bem interessante.

Institucionalmente falando, o primeiro edital a que nos candidatamos foi em 2012, e desde então aprovamos quatro projetos sucessivos em editais ministeriais, nos anos de 2012, 2016, 2020 e um último, do qual acabamos de receber a notícia da concessão, na chamada de 2023, do novo projeto que se iniciará em setembro de 2024. No que se refere ao título do projeto, de alguma forma, sempre utilizamos um mesmo título, mas com legendas diferentes. Então acho que o título expressa muito bem a linha de trabalho fundamental: Antiguidade, Nacionalismos e Identidades Complexas na Historiografia Ocidental. Nas diferentes convocatórias temos avançado progressivamente também no âmbito cronológico. Começamos nos anos de 1700 - 1900, depois fixamos o projeto no final do século XVIII e agora o estendemos até o século XXI. E neste último projeto queremos avançar para a situação atual e em direção aos debates mais recentes. Também o expandimos, de alguma forma, espacialmente, no sentido de aumentar a nossa rede e a composição da própria equipe para a América Latina com a incorporação de novos colegas. No início, havia uma colega argentina, Eleonora Dell' Elicine, e posteriormente colegas da Colômbia e do Chile também aderiram. Na convocatória de 2020 também introduzimos um subtítulo que já é o próprio programa em si, isto é, continuamos falando sobre Antiguidade, Nacionalismos e Identidades Complexas na Historiografia Ocidental, mas passamos da historiografia acadêmica à cultura de massa na Europa Ocidental e América Latina. Introduzimos,

---

<sup>4</sup> Oskar Aguado, Paloma Martín-Esperanza, Mikel Gago, A. Duplá (eds.), *Historiografía de la Historia Antigua en España y América Latina (siglos XIX-XXI)*, Anejos de Revista de Historiografía 12, Madrid, Dykinson, 2024; Oskar Aguado, Tomás Aguilera, Paloma Martín-Esperanza, A. Duplá (eds.), *Héroes y heroínas de la Antigüedad en el imaginario contemporáneo*, Madrid, Sílex (en prensa).

então, esse conceito de cultura de massas, entendendo que poderíamos falar apropriadamente sobre como, diante de uma ideia de um classicismo mais voltado para a elite, algo que logicamente sempre existiu, poderíamos também falar apropriadamente sobre um classicismo na cultura de massas, na qual o clássico foi reinterpretado, ressignificado e recebido em diversas áreas dessa cultura de massas. Algumas já eram conhecidas há muito tempo e, na verdade, já havíamos trabalhado desde o início com cinema ou mesmo romances históricos. Mas, pouco a pouco esse campo de estudo está se expandindo para a música, a música moderna, para a publicidade, para a moda e até para os videogames. Ou seja, a cultura de massas, com aquelas nuances particulares de consumismo e reprodução imediata facilitada pelas redes sociais, constitui um novo campo de estudo.

E, também nos perguntávamos, na convocatória de 2020, se, precisamente, não era o momento de nos indagarmos se os nossos velhos parâmetros, que giravam fundamentalmente em torno das esferas nacionais e dos processos de construção nacionais, num mundo pós-moderno, num mundo de cultura de massas, ainda eram válidos ou estavam sendo transformados. E de alguma forma foi possível falar em novos parâmetros. De certo modo, pensávamos que existia uma coexistência, ou seja, ainda eram utilizados, por um lado, de uma forma mais tradicional, poderíamos dizer, e por outro, havia outra novidade, um campo de estudo muito interessante, que envolvia novos objetos de estudo, implicava novos meios de transmissão do clássico, recepção e que também implicava novos públicos, então esse era outro elemento interessante. Por fim, o último projeto aprovado envolve um grupo de trabalho que cresceu de 7 membros iniciais para 17 integrantes. Ampliamos muito nossa equipe, e novamente brincamos com o subtítulo do projeto. Neste momento, o subtítulo seria “Desigualdades modernas e novos paradigmas identitários”, o que de alguma forma responde à questão: que ciência da Antiguidade, ou que História Antiga, que tipo de recepção teremos para o século XXI? Acima de tudo, podemos pensar em duas respostas mais extremas, mas com muitos problemas, podem ser as seguintes: uma, a de questionar a nossa disciplina, como produto do machismo, do homem branco, eurocêntrico e racista. Ou no outro extremo, continuando a reivindicar, digamos, a herança clássica, como quase o pilar básico e único da cultura ocidental. Pois bem, nenhuma destas duas posições é satisfatória e responde, digamos, às necessidades atuais.

Mas, é verdade que há um debate importante em que é interessante intervir e propor, se não respostas, pois não se trata de encontrar respostas, formular novas perguntas, novas questões, abrir portas, pois isso que é o interessante. E nesse quadro, neste novo projeto, propomos estudar a

Antiguidade Clássica e as identidades fluidas no século XXI, de etnia, classe, raça, apropriações políticas, no século XXI, especialmente ultraconservadoras e reacionárias da Antiguidade Clássica, ou possíveis valores cívicos que encontramos no mundo antigo e que podemos usar como referências no mundo moderno como, por exemplo, o conceito de cidadania romana como igualdade jurídica frente a componentes étnicos e culturais. E, também, a recepção da Antiguidade como ferramenta de educação e transferência, com especial atenção às redes sociais. Vários dos membros do grupo (devo admitir que eu não), sobretudo os mais jovens, navegam perfeitamente pelo mundo das redes sociais. Eles têm um ativismo notável em relação à recepção da Antiguidade Clássica. Já participaram de vários debates que têm ocorrido neste domínio e, por isso, estão plenamente qualificados para abordar este tema de estudo que nos parece muito importante e que, independentemente da maior ou menor inabilidade que alguns de nós possamos ter, ou mesmo ignorância em relação a esse mundo, é um mundo que deve ser abordado. E de alguma forma vamos começar esse último projeto, o quarto que nos foi concedido, em setembro e estamos muito entusiasmados com essa perspectiva.

### **Glaydson José da Silva (Revista Heródoto)**

Obrigado, professor. Outra questão, relacionada com os estudos de recepção da Antiguidade: entre os temas que você tem trabalhado nos últimos anos se destacam os chamados Estudos de Recepção da Antiguidade, e que por vezes também são chamados de Usos do Passado. Na sua opinião, qual a importância destes estudos hoje e para o futuro? Existem especificidades dos estudos desenvolvidos na Europa e na América, por exemplo?

### **Antonio Duplá Ansuategui**

Creio que a recepção dos clássicos, ou as recepções dos clássicos (para ressaltar, digamos, a pluralidade deste campo) é um dos temas mais interessantes, mais dinâmicos, mais promissores e mais recentes no campo das ciências da Antiguidade hoje. É verdade que o ponto de partida é fundamentalmente literário, mas, no campo das ciências da Antiguidade, desde a primeira década deste século XXI, já foi apresentada uma perspectiva mais ampla, com autores como Charles Martindale ou Lorna Hardwick, e isso representa realmente um ponto de inflexão nos estudos sobre a Antiguidade. É interessante observar as diferenças entre a chamada

tradição clássica e os estudos de recepção. Penso que essa tradição nos remete mais, digamos, a uma área de invariabilidade, de transmissão de um legado, de algo relativamente fixo que deve ser preservado, que goza de um prestígio tradicional, secular e que em certa medida implica uma certa passividade, ou pelo menos uma preocupação, especialmente de fixação e de transmissão, proteção, poderíamos até dizer um cânone. Algo que poderíamos remeter ao mundo intelectual Alexandrino dos últimos séculos antes de nossa era. De certa forma, a ênfase e a perspectiva agora mudaram. O que é fundamental é o processo de recepção dos personagens, acontecimentos, ideias da Antiguidade e, sobretudo, as transformações que sofre neste processo de recepção, e qual a atitude do destinatário perante esta presença da Antiguidade. Implica, portanto, uma mudança de perspectiva, uma nova atitude, uma relação, creio também, mais fluida, entre o receptor e o objeto recebido. Creio mesmo que implica uma perspectiva mais histórica (face ao próprio mundo antigo), por outro lado não tão fixa e tão seletiva, e tão a-histórica quanto o âmbito da tradição pode ser.

Nesse sentido, tradição e recepção podem coexistir, mas são duas áreas distintas. E o interessante é que a recepção nos conecta muito mais estreitamente a esse mundo antigo (que logicamente sempre responde a alguma seleção baseada nas inquietações e necessidades da sociedade receptora e dos grupos receptores), mas amplia o campo de estudo e envolve novos públicos, novas mídias, novas perspectivas. Nesse sentido, penso que é particularmente sugestivo e interessante, e também nos transporta de um classicismo tradicionalmente das elites à sociedade como um todo. Portanto, acho que é particularmente interessante. Em certa medida, responde a um processo de questionamento daquela tradição que autores, intelectuais como Nietzsche ou o próprio Marx, ou Freud, já haviam apontado nas limitações da abordagem tradicional da Antiguidade e que agora está sendo abertamente questionada. E já se falou até no mundo da recepção como um *democratic turn*, de uma virada democrática que ilustraria a expansão desse campo de estudos. E realmente, quase diria que foi um sopro de ar fresco do ponto de vista da investigação e da reflexão intelectual no campo das ciências da Antiguidade, num momento em que precisamente os estudos clássicos, em sua concepção mais tradicional, atravessam uma crise no campo acadêmico. Sem renunciar ao anterior, acredito que isso abre novas possibilidades. Abordamos, por exemplo, num livro publicado em 2022, que intitulamos “*Do classicismo de elite ao classicismo de massa*” justamente esse fenômeno de expansão do nosso campo de estudo. Por outro lado, no contexto das tendências mais recentes dos estudos pós-coloniais, a recepção também se abre quase que de maneira natural para estudar como o clássico tem sido recebido em



ambientes supostamente insuspeitados, ou seja, em comunidades, sociedades, em princípio, supostamente estranhas à tradição cultural canônica ocidental. Então, nesse sentido, acredito que seja um campo promissor e com muitas possibilidades.

E respondendo à última parte da pergunta, um domínio que acredito ser um dos aspectos mais interessantes dos últimos tempos é a estreita colaboração entre colegas de ambos os lados do Atlântico. Acho que esse é um aspecto muito interessante. O projeto ANIHO, em certa medida, resulta e também se beneficia desta colaboração crescente. Outra coisa é que, pelo fato de as sociedades dos dois lados do Atlântico apresentarem características históricas distintas, igualmente distintos serão seus processos de recepção, assim como também são diferentes as questões propostas.

### **Glaydson José da Silva (Revista Heródoto)**

Muito obrigado, professor. Tenho uma pergunta e vou colocá-la em português e o (Professor) Filipe vai me auxiliar com a tradução: a História da Antiguidade, na Europa, em geral, ainda é percebida como uma História Nacional. Na sua opinião, essa é uma característica que diferencia a História da Antiguidade na Europa e na América?

### **Antonio Duplá Ansuategui**

Sim, absolutamente. Acredito que quando falei sobre como os processos históricos são diferentes estava me referindo precisamente ao fato de que na Europa é possível observar em muitos casos, em alguns casos de maneira mais óbvia do que em outros, uma relação com a Antiguidade Clássica marcada por uma ideia de continuidade que, aliás, que envolveria a sociedade como um todo. Acredito que a situação é muito diferente na América Latina, na Ibero-América. Se observarmos o caso das elites, eu acredito, sim, existem alguns parâmetros relativamente semelhantes do ponto de vista da recepção do clássico, mas se abordarmos a sociedade como um todo, as diferenças são grandes. Os regimes de historicidade de sociedades muito plurais, étnica e culturalmente, são diferentes daqueles das sociedades europeias. E nesse sentido há uma diferença notável. Creio que aí poderiam ser enquadrados em certos fenômenos muito mais raros ou quase inexistentes na Europa, como a rejeição, digamos, ao clássico em geral, como algo absolutamente estranho a uma tradição cultural distinta e própria. E nesse sentido, penso que há um desafio de como lidar com essa

reação que considero absolutamente compreensível. Pode ser discutível no sentido de que deveríamos tentar ver como é possível explorar esta presença do clássico também na América Latina, mas obviamente, tendo em conta estas diferenças e o fato de que na Europa vemos esta continuidade quase como algo natural, outras tradições e outras sociedades que respondem a outra linha de desenvolvimento histórico não têm que vê-la dessa forma.

Então, acho que há um desafio importante e interessante que deve ser enfrentado. Acho curioso como estes últimos debates de questionamento do clássico, das ciências da Antiguidade, da História Antiga, partem de certos setores muito ativos, por exemplo, nos Estados Unidos. Na Europa, contudo, este fenômeno não ocorreu. De alguma forma, chegou indiretamente através dos seus protagonistas, particularmente estadunidenses. Mas creio que aqui não foram muitos. Recuando um pouco no tempo, lembro-me de algumas reações um tanto indignadas, creio que injustamente indignadas ou demasiado críticas, quando o livro *Atena Negra* foi publicado por Martín Bernal, o que também provocou algumas reações. Principalmente por parte não tanto da História Antiga, mas da Filologia Clássica, que muitas vezes se autoproclamou guardião da tradição, parecia um absurdo, algo absolutamente fora do comum, um disparate, quando na realidade a revisão, apesar de algumas de suas conclusões serem discutíveis, toda a introdução historiográfica que Martín Bernal fez em *Atena Negra* foi muito interessante. Penso que é muito razoável e coerente falar dos preconceitos da historiografia da Europa Ocidental desde o século XVIII, por exemplo. Pois bem, creio que estes são debates, e, partir da minha ignorância, me parecem muito importantes em países como a Bolívia, a Colômbia, ou o Brasil. E devemos intervir, logicamente.

### **Filipe Noé da Silva (Revista Heródoto)**

Perfeito, professor. Agora tenho uma pergunta que, creio, não está diretamente relacionada com a questão da recepção dos clássicos. Mas, é um tema que sabemos que você já investiga há algum tempo. Em seus estudos sobre os antigos romanos, professor, sempre retoma ao tema da violência, como já mencionado no início desta nossa entrevista. Lembro-me também de um texto de sua autoria que trata da questão da escalada de violência e do seu impacto no destino da República Romana. Pois bem, gostaríamos de saber um pouco mais sobre as características dessa violência antiga, romana, que você estudou, e se há alguma semelhança ou diferença entre essa violência antiga e aquela praticada no mundo

contemporâneo. Como pensar a violência antiga a partir do presente, a partir dos desafios do nosso tempo? Bem, o que podemos dizer, atualmente, sobre o tema, em geral?

### **Antonio Duplá Ansuategui**

Sim, o tema da violência tem me interessado bastante desde a pesquisa de doutorado que, como referi antes, tratou das medidas excepcionais na crise da República Romana, uma série de procedimentos, todos juridicamente frágeis, embora justificados pelos setores mais conservadores do Senado, em defesa da centralidade absoluta do Senado Romano como elemento-chave das instituições republicanas. Em relação à violência, talvez a primeira coisa a observar sejam algumas diferenças importantes entre as situações antigas e modernas. A primeira é que no mundo antigo não existe a noção de Direitos Humanos. Além do mais, podemos dizer que, salvo alguma reflexão, sem quaisquer consequências práticas, não existe a noção de igualdade dos seres humanos, que tem a sua aplicação, digamos, no caso da violência.

Por outro lado, no caso romano, em particular, outro elemento distintivo a ter em conta seria a legalidade do uso da violência em numerosos casos, mesmo regulada por lei, como mecanismo de autodefesa, algo que nas sociedades modernas tende a ser cada vez mais regulamentado e até limitado a determinados agentes. E, também, algo que, em todo o caso, é uma especificidade republicana, porque há uma mudança neste sentido no tempo de Augusto, é a ausência, durante a República Romana, de mecanismos e instituições ou de pessoal responsável pela preservação da ordem pública. Algo que também acontece a partir do momento do último século republicano, em que a violência, enfim, quase se poderia dizer que se generaliza, ou seja, é mais um elemento a ter em conta. Se estas são diferenças, porém, e sem entrar em detalhes muito específicos, talvez a maior semelhança seria a possibilidade de falar (ao contrário da opinião de alguns estudiosos que o questionam) sobre a violência de intencionalidade política, também na República Romana e particularmente no período tardo-republicano. Quando digo violência política quero dizer violência calculada, violência racional face à alegada desqualificação que Cícero faz dos seus adversários políticos, denominando-os como indivíduos irracionais e enlouquecidos, que atuam de uma forma acima da razão. Acredito que existe uma violência calculada, racional, com um discurso justificador e legitimador que calculou, podemos dizer, os danos colaterais e que está ao serviço de um determinado discurso político. E, por exemplo, em relação a isso, um elemento muito interessante que reconecta o mundo

antigo com o mundo moderno seria como, dentro desse argumento justificativo, para aqueles que são defensores e teóricos dessa justificativa, especialmente no caso de Cícero, é muito clara a presunção de que aqueles contra quem esta violência é exercida são uma ameaça, uma ameaça radical à segurança e à estabilidade do Estado, da *Res Publica* no caso romano, e pelas suas ações foram colocados automaticamente fora dos mecanismos de proteção, por exemplo, que protegiam o cidadão romano da pena capital, que foi a apelação do *populus*. Acredito que este mecanismo de justificativa parte do pressuposto de que constituem uma ameaça aqueles indivíduos que perderam as suas garantias legais, por exemplo, a *provocatio ad populum*, no caso dos cidadãos romanos, o direito de apelo ao povo antes de uma pena capital ou simplesmente os Direitos Humanos no caso do século XX, do século XXI, como ser humano, uma vez que somos titulares desses direitos simplesmente como seres humanos que habitam o planeta. Porque é um elemento que une realidades antigas e modernas, unindo todas as distâncias. Na verdade, em alguma publicação, em alguma conferência, me permiti falar da ligação entre Cícero e Guantánamo, porque acho que essa ligação pode ser estabelecida explorando, digamos, esse argumento e que entenderiam Cícero, no seu caso, a administração Bush, mas também, infelizmente, a administração Obama, mais tarde, devido à forma como os indivíduos envolvidos se colocaram à margem da lei e das garantias legais. É uma interpretação muito perigosa juridicamente, absolutamente questionável, mas, mesmo assim vemos que infelizmente ela continua a funcionar. E nesse sentido, como disse, resguardando todas as distâncias, é sempre necessário fazê-lo com a necessária prudência, pois é possível fazer alguns exercícios comparativos que podem ser sugestivos.

**Filipe Noé da Silva (Revista Heródoto)**

Muito obrigado, professor.

**Glaydson José da Silva (Revista Heródoto)**

Por fim, professor, gostaríamos de fazer um comentário sobre os estudos que compõem o dossiê da Heródoto. De que forma os artigos publicados podem contribuir para os estudos de recepção e usos da Antiguidade?

## Antonio Duplá Ansuategui

Sim, a primeira coisa que eu diria é que, sem realmente o ter planejado estritamente nesses termos, penso o resultado final como um todo, com as diferentes contribuições dos diferentes colaboradores do dossiê, reflete perfeitamente as linhas de trabalho e as preocupações do projeto ANIHO nessas duas linhas principais, nas duas ideias fortes que seriam a historiográfica e a de recepção. E, nesse sentido, creio que constituem um conjunto de trabalhos muito interessante. Vou percorrer algumas seções temáticas que podemos observar nos diferentes artigos do dossiê. No dossiê podemos encontrar, por um lado, algo que responde ao momento inicial do ANIHO, que seriam os estudos sobre a presença da Antiguidade nos processos de construção nacional espanhol. Com especial referência a estes processos de historiografia, que em um primeiro momento chamamos de periféricas em relação à historiografia nacional central espanhola, mas que também já há algum tempo, por sugestão do colega Jordi Cortadella, que é membro de longa data do ANIHO, preferimos chamar alternativas. Neste caso são estudados pelo próprio Jordi Cortadella e por Jonatan Pérez nas áreas catalã e basca, sobre a Catalunha e sobre Euskadi. Mas também em relação aos processos de recepção da Antiguidade, digamos, em processos de construção nacional, já que temos vários exemplos aplicáveis a outros países e, também, com perspectivas diferentes, porque em alguns casos pode ser o estudo da recepção de uma figura significativa, como Viriato no caso português, da colega Ana Cristina Martins. Ainda em relação a um personagem significativo, mas que é justamente questionado se é tão significativo, ao estudar especificamente aquele processo de recepção, temos o estudo de Martin Lindner e Nils Steffensen sobre a figura de Armínio-Hermann no cinema e, também, no mundo educacional alemão da República Federal da Alemanha desde o período pós-guerra. Ou, temos também o que faz a nossa colega Ana Maria Liberati, para o caso italiano: o estudo da evolução daquilo que também passou a ser chamado de culto da *Romanità* na Itália desde o final do século XIX até o pós-guerra, na década de 1950. Noutro caso, vamos para o outro lado do Atlântico, tratando novamente do clássico nos processos de construção e afirmação nacional: neste caso na Guatemala, o estudo de Ricardo Del Molino, com o estudo específico que faz dos álbuns da Minerva na primeira década do século sobre o que ele chama o *Classicismo Estradacabrerista* e como o ditador Manuel Estrada Cabrera, no início do século XX, utilizou a figura de Minerva, as festas de Minerva, como instrumento para transmitir um discurso de ordem e progresso, quase se poderia dizer, a pretensão de apresentar a Guatemala ao mundo.

Mas também temos estudos, digamos assim, que são estritamente historiográficos, e este seria o caso do estudo realizado pelo colega Héctor Vega, da UNAM, sobre Agustín de Rivera, historiador e divulgador, sacerdote mexicano e figura particularmente importante do século XIX e início do XX, a partir abordagem que me parece interessante porque segue certamente as orientações do ANIHO no sentido de ir além de uma mera reconstrução biográfica, de uma mera lista comentada de obras, e propõe, digamos, uma contextualização da sua produção historiográfica. Igualmente interessante (e é um ângulo que também começamos a ver a partir do segundo projeto ANIHO) seria a recepção da Antiguidade contrário ao classicismo elitista tradicional, a recepção da Antiguidade pelos grupos sociais reformistas, progressistas e de esquerda. Este caso específico seria aqui representado pelo estudo de um proeminente líder e teórico anarquista espanhol proposto por Tomás Aguilera, que é um estudioso nesta área. E, por exemplo, metodologicamente falando, temos outro capítulo muito interessante que nos mostra a importância do trabalho em arquivos: neste caso o estudo da correspondência de um personagem referencial da História da Arqueologia espanhola e, de alguma forma, da arqueologia francesa e do hispanismo em francês, a partir de Pierre Paris, e que é feito por um membro do ANIHO que é Grégory Reimond, especialista na figura de Pierre Paris. O estudo é muito interessante porque nos mostra as possibilidades abertas pelo estudo das correspondências no sentido de possibilitar compreender plenamente, digamos, o caráter de um determinado personagem, em conhecer as redes com que trabalha, os contatos que mantém etc.

Certa vez, conversando com alguns colegas, comentamos como neste mundo moderno, do e-mail, os estudos a partir das correspondências entre acadêmicos, ou entre escritores, ou artistas, que foram tão frutíferos entre os séculos XIX e XX, já não existe, pois não deixamos vestígios. Isso significa que estamos perdendo uma fonte de informação que é tão interessante, e nem sempre temos consciência disso. Acho muito interessante este artigo do Grégory Reimond. E por outro lado, temos também uma outra série de artigos que nos falam de outra perspectiva fundamental, que é o interesse e a importância da cultura material, como neste caso dos monumentos, das estátuas como veículos, também daquela recepção do antigo e como estamos testemunhando, por um lado, processos de recepção, e agora também processos de resignificação, até mesmo desses mesmos monumentos. E neste caso temos três exemplos, Eleonora Dell' Elicine estuda, digamos, uma seleção de estatuária da tradição clássica de Buenos Aires. Jorge Elices, colega do Conselho Superior do CSIC, de Madrid, é protagonista de uma linha de trabalho que considero absolutamente interessante e sugestiva no mundo da recepção

clássica, que é o estudo da recepção clássica no mundo árabe. Ele é um especialista muito destacado nessa área e também o faz em relação à utilização, e em alguns casos à destruição, desta estatutária clássica em alguns momentos específicos do mundo árabe contemporâneo. E por último, Carolina Valenzuela, colega da Universidade do Chile, também analisa todo o processo de rejeição e ressignificação de elementos clássicos da revolta social no Chile de 2019. Desse ponto de vista, tanto no caso de Jorge Elices como no caso da Carolina, também destacaria o fato de seus trabalhos coincidirem, digamos, com outra linha, com outra preocupação permanente do ANIHO, que é procurar essa ligação e esse possível protagonismo da Antiguidade Clássica nos processos de acolhimento na realidade política e social atual.

Gostaria de salientar, depois desta revisão mínima do conteúdo dos artigos, que acredito que o dossiê seja, assim, não é que tenha sido planejado desde o início nestes termos, mas penso que reflete outras características do ANIHO, que seria o relacionamento próximo com colegas latino-americanos sobre preocupações, temas e colaborações conjuntas. A outra seria o interesse que sempre tivemos em incluir colegas convidados nas iniciativas do ANIHO. Neste caso há também uma combinação de membros do projeto ANIHO e colegas convidados de Portugal, Espanha, Itália e Alemanha. E depois uma terceira característica que gostaria de salientar é a da combinação, digamos, com resultados felizes, de encorajar a colaboração de investigadores seniores com pesquisadores mais jovens, o que é algo que também acredito ser verdade nesse caso. Há pesquisadores que já possuem um longo currículo de pesquisa, e outros que já possuem uma formação acadêmica importante, mas que, logicamente, ainda estão nas fases iniciais de suas pesquisas. E, também, neste caso quase se poderia dizer que a combinação é igual. Então, nesse sentido, penso a despeito de uma primeira impressão de dispersão excessiva, o dossiê parece-me refletir isto muito bem. Desnecessário dizer que a qualidade de cada um dos trabalhos é evidente, mas penso que o conjunto reflete muito bem as preocupações, preocupações e linhas de trabalho do ANIHO, e nesse sentido o saldo é muito satisfatório e confio que o mesmo aconteça com os responsáveis pela Revista Heródoto, a quem aproveito para agradecer o convite para preparar este dossiê, obrigado.

**Glaydson José da Silva (Revista Heródoto)**

Obrigado, professor, obrigado pela sua gentileza, pela sua disponibilidade. Ficamos muito honrados com sua entrevista. Muito obrigado!

**Antonio Duplá Ansuategui**

Obrigado a vocês!

**Filipe Noé da Silva (Revista Heródoto)**

Obrigado, professor Antonio Duplá, foi uma honra. Acho que as pessoas que assistirem à apresentação, à entrevista, depois, com certeza poderão aprender muito com tudo o que foi apresentado. Penso que são mensagens positivas sobre temas atuais, sobre a originalidade dos estudos clássicos, sobre o que os estudos clássicos ainda podem oferecer ao presente, ao nosso tempo. Acho que isso é algo positivo para todos nós. O professor falou sobre o processo de conexões, construção de pontes, realização de parcerias e projetos nos dois lados do Atlântico e além. Isso é algo inspirador para todos nós. Então, claro, mais uma vez, muito obrigado.

**Antonio Duplá Ansuategui**

Muito obrigado pelo convite e pelas perguntas.